
Os menires do Alto da Cruz: novos dados e algumas reflexões sobre o Megalitismo da área de Brotas (Mora)

PEDRO ALVIM¹
LEONOR ROCHA²

R E S U M O

Damos notícia do conjunto de menires recentemente identificado no Alto da Cruz (Mora, Alentejo) e de algumas questões sobre a evolução cronológica do Megalitismo na área de Brotas, que surgem na sequência da descoberta do monumento.

A B S T R A C T

We report on the recently identified group of menhirs in Alto da Cruz (Mora, Alentejo) and about some questions we raise, after its discovery, regarding the chronologic evolution of megalithic monuments in the Brotas area.

Introdução

O cruciforme megalítico do Alto da Cruz foi identificado pelos signatários em Agosto de 2011, no âmbito de trabalhos relacionados com os projectos de investigação MFA – Megalitismo Funerário do Alentejo, coordenado por LR e MEGLAJ – O conjunto megalítico da ribeira da Laje (Montemor-o-Novo) coordenado por PA.

O primeiro menir do conjunto havia sido identificado por LR, em 2002, durante os trabalhos de realocização de sepulturas megalíticas intervencionadas por Manuel Heleno (Rocha, 2005).

O recém-identificado monumento está situado 300 m a leste deste menir e é constituído por outros seis menires tombados, formando uma cruz.

Embora nenhum dos menires tenha ainda sido intervencionado, diversos indícios sustentam a possibilidade de se encontrarem todos tombados *in situ*, sobre as suas estruturas de fundação originais, hipótese que, naturalmente, carece ser verificada com futuros trabalhos arqueológicos.

O conjunto de menires, apresentando algumas características excepcionais, justifica novas linhas de questionamento sobre a diversidade dos monumentos megalíticos abertos no Alentejo e as suas relações crono-culturais com o megalitismo funerário.

Para além da aparente discordância tipológica do monumento no contexto regional, concorre o facto de os menires se situarem num local elevado que parece centrar um numeroso e variado conjunto de sepulturas megalíticas, no qual se encontram incluídas desde as tipologias mais simples (*e.g.* pequena câmara megalítica fechada) até aos monumentos mais complexos (*e.g.* dólmen de grande câmara e corredor longo).

No que respeita à composição espacial do conjunto de menires e a possíveis conexões com outros sítios próximos, destaca-se a relação particularmente interessante com o Penedo das Almoínhas, o afloramento granítico com gravuras rupestres divulgado na década de 1970 por G. Zbyszewski (Zbyszewski & *alii*, 1977a).

Fisiografia do sítio

O monumento identificado na campanha de 2011 situa-se junto ao vértice geodésico designado por «Alto da Cruz», num local sobranceiro situado próximo da Estrada da Cumeada, na Herdade das Águias, concelho de Mora, freguesia de Brotas.

O sítio está próximo do contacto do maciço hespérico com a bacia terciária do Tejo (3 km a norte e 1 km a nordeste); o substrato rochoso é constituído por uma extensa mancha de granitos profiróides, de grão grosseiro a médio, pontuada por afloramentos estreitos e alongados de pegmatitos (Carvalhosa e Leandro, 1998; Zbyszewski & *alii*, 1976, 1981).

Em algumas áreas, os afloramentos graníticos, em grandes blocos, têm uma expressão significativa, noutras afloram discretamente à superfície do solo, em formações pontuais ou alongadas, especialmente em vertentes, onde formam patamares mais ou menos acentuados acompanhando as curvas de nível.

O sistema fluvial dendrítico, característico desta área limítrofe da peneplanície alentejana, está orientado de Sudeste para Noroeste, entre lombas com as mesmas direcções, transversalmente ao curso do Tejo, acusando concordância com a estrutura tectónica.

O monumento situa-se na linha de fecho entre a ribeira do Divor (a norte) e a ribeira da Fanica (a sul); a Fanica conflui com o Divor a jusante (noroeste) que, por sua vez, desemboca no Sorraia próximo de Coruche.

A topografia extremamente ondulada é vincada pelos vales dos cursos de água subsidiários das duas ribeiras, não menos expressivos, que entrecortam as vertentes em variadas direcções.

Observado à distância, o Alto, integrado numa lomba pronunciada, não se destaca das outras elevações mas, na orografia local, é suficientemente elevado para providenciar óptimas vistas sobre as terras envolventes.

A ligeira elevação no terreno, cujo ponto mais elevado está assinalado pelo vértice geodésico, é formada por quatro tergos, com a orientação dos pontos cardeais, de onde irradiam as cabeceiras de quatro linhas de água segundo os pontos colaterais: uma drena para nordeste, em direcção à ribeira da Barroca, subsidiária do Divor, as outras alimentam a ribeira da Perdiz e da Fanica, a Sul.

Os menires do Alto da Cruz

Menir 7

Coordenadas militares Hayford-Gauss Datum Lisboa: M= 200947 P= 207850 / Z=186

O menir identificado em 2002, então designado «Menir do Alto da Cruz» (Rocha, 2005), é agora redesignado como Menir 7 do conjunto do Alto da Cruz.

Trata-se de um monólito de rocha granitóide, tombado e ligeiramente inclinado, com a base semi-cravada no solo; mede 2,20 m de comprimento e 0,80 m de largura máxima.



Fig. 1 Menir 7 do Alto da Cruz

A sua face superior está decorada com cerca de 50 covinhas, algumas delas unidas (a superfície encontra-se coberta de líquenes o que dificulta a identificação da totalidade dos exemplares).

O menir localiza-se num esporão pouco pronunciado no extremo ocidental do terço que parte do topo da elevação, a cerca de 300 m a leste, na qual se situa o conjunto dos seis menires. Aparentemente não existe intervisibilidade entre os dois locais, sendo a ligação física dos monumentos feita pelo percurso ao longo do terço que os liga.

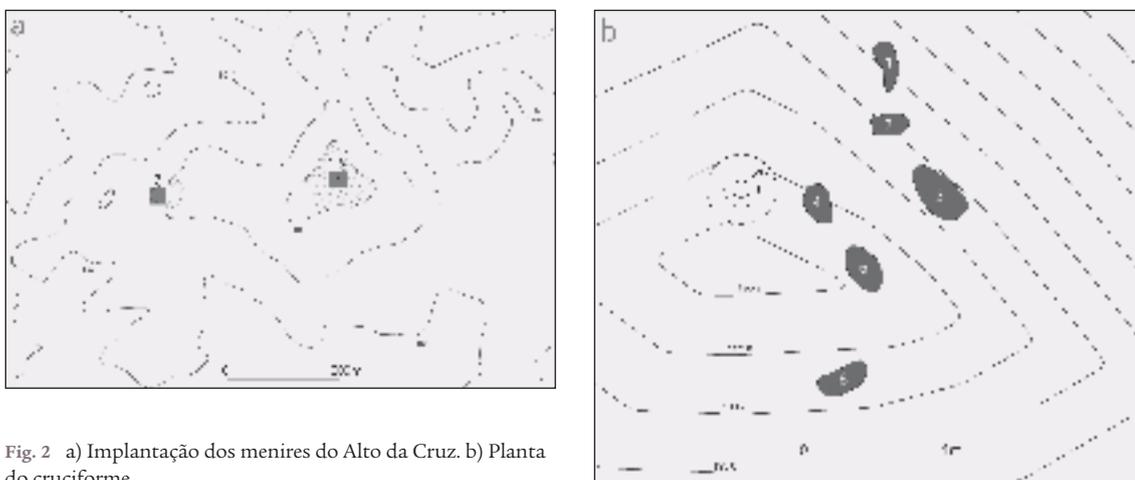


Fig. 2 a) Implantação dos menires do Alto da Cruz. b) Planta do cruciforme.



Fig. 3 O cruciforme visto de Sul para Norte.

O cruciforme megalítico

Coordenadas militares Hayford-Gauss Datum Lisboa: M= 201266 P= 207882 / Z=193

Os menires situam-se junto ao topo da encosta nascente de uma ligeira elevação, na cumeada entre a ribeira do Divor e a ribeira da Fanica. O vértice geodésico «Alto da Cruz» está implantado 4 m a oeste do centro do monumento.

Quatro menires estão tombados ao longo de uma linha com 9 m, com orientação aproximada de Norte-Sul (com desvio de 5° para Este); os outros dois formam uma linha Este-Oeste, com 4 m, bissectando a primeira (Fig. 2b).

Os menires são de rochas granitóides e apresentam as superfícies uniformemente cobertas de líquenes; à excepção do menir 4 que se encontra solto do terreno, todos os outros estão semi-enterrados, sem inclinação.

O menir 7 prolonga direcionalmente a cruz do conjunto principal, 300 m para Oeste, realçando a forma do cabeço que também configura, através dos tergos principais, uma cruz segundo os pontos cardeais (Fig. 2a).

Menir 1

COMPRIMENTO VISÍVEL: 1,47 m;

LARGURA VISÍVEL: 0,60 m.

Lascado na face superior (?)

Menir 2

COMPRIMENTO VISÍVEL: 1,07 m;

LARGURA VISÍVEL: 0,62 m.

Tem 3 covinhas na face superior.

Menir 3

COMPRIMENTO VISÍVEL: 1,90 m;

LARGURA VISÍVEL: 0,95 m.

Tem 3 covinhas e 1 possível marca de cunha na face superior.

Menir 4

COMPRIMENTO: 1,16 m;

LARGURA: 0,70 m.

Tem 13 covinhas na parte superior (6 delas parecem formar um «P» ou báculo); 18 covinhas na face de topo virada a sul.

Menir 5

COMPRIMENTO VISÍVEL: 1,47 m;

LARGURA VISÍVEL: 0,85 m.

Tem na face superior 1 covinha grande, rodeada por outras menores: 9, num primeiro círculo e outras 13, ao longo de um círculo exterior. 6 covinhas dispersas com 2 pares de covinhas geminadas.

Menir 6

COMPRIMENTO VISÍVEL: 1,68 m;

LARGURA VISÍVEL: 0,65 m.

A disposição dos menires tombados, o facto de estarem semi-enterrados (à excepção de um exemplar) mais as superfícies uniformemente cobertas de líquenes sugerem, à partida, que se encontram tombados *in situ* e que será possível recuperar vestígios das suas estruturas de sustentação.

Uma hipótese ponderada foi a de os menires, por uma razão ou outra, terem sido deslocados durante a construção do vértice geodésico. Em contrapartida, a designação do marco parece fazer referência aos menires na disposição actual – em cruz – sugerindo que o estado de conservação do monumento não terá sido alterado quando o marco foi construído. Note-se, adicionalmente, que o topónimo «Alto da Cruz» não é localmente conhecido, o que leva a admitir que a designação atribuída ao vértice geodésico tenha sido da responsabilidade dos técnicos de geodesia envolvidos na sua implantação, verosimilmente com base na observação da disposição dos monólitos tombados.

No Alentejo, são já alguns os casos conhecidos de menires tombados em condições semelhantes às que se verificam no Alto da Cruz que, depois de intervencionados, permitiram constatar que estavam tombados junto aos vestígios das respectivas estruturas de fundação (Gomes, 1994; 2002; Oliveira, 1995; Calado, 2000, 2004; Rocha, 2000; Calado & *alii*, 2007).

Em comparação, no recinto megalítico do Tojal, em Montemor-o-Novo, todos os menires se encontram tombados formando um arco perfeitamente consistente com plantas de outros recintos regionais (Calado, 2003, 2004; Alvim, 2009).

Tem-se verificado, também, que nos casos de monumentos que foram totalmente desmantelados, os menires foram juntos ou amontoados em “maroiços”, como no recinto de Vale d’El Rei em Mora, nos menires do Alminho, em Ponte de Sor, ambos arrasados na década de 1980, ou nos sítios do Monte da Ribeira e do Xerez em Reguengos de Monsaraz, aparentemente destruídos antes da década de 1970 (Pina, 1971; Gonçalves, 1970; 1975; Martins & *alii*, 1999; Rocha, 1999; Calado, 2004; Calado & *alii*, 2007).

Por outro lado, as covinhas nas faces superiores dos quatro menires centrais do Alto da Cruz poderão ter sido realizadas depois dos menires terem tombado, presumivelmente ainda em época

pré-histórica. Esta situação não é inédita na região, tendo sido, em diversas ocasiões, registadas covinhas nas faces superiores de monólitos tombados como nos menires de Vale de Cardos (Pina, 1971) e Casbarra (Pina, 1976; Calado, 2004) em Évora, no menir do Tojal em Montemor-o-Novo (Calado, 2003) e num dos menires de Vale Sobral em Nisa (Monteiro & Gomes, 1977).

A verificar-se a forma de cruz na planta do monumento estamos, de facto, perante uma tipologia inédita na região.

As tipologias mais frequentes e melhor conhecidas de monumentos abertos são os menires isolados e os recintos megalíticos; conhece-se um par de menires na área de Évora (S. Sebastião: Calado, 2004) e outro provável no nordeste Alentejano (menires de Vale Sobral); outros menires que parecem formar duplas (Calado, 2004) poderão ser apenas casos de um único menir associado a um afloramento com desenvolvimento vertical.

Outros conjuntos de menires, tombados e/ou deslocados, sugerem tipologias ainda não documentadas, talvez alinhamentos longos, não devendo constituir vestígios de recintos megalíticos desmantelados (como por vezes foi mencionado) tendo em conta o número, a forma e dispersão dos menires: é o caso dos sítios dos Perdígões, em Reguengos de Monsaraz (Pina, 1971; Gonçalves, 1970, 1975), da Pedra Longa, em Montemor-o-Novo (Gomes, 1986, 1994) e do Carrascal, no Redondo (Calado, 2001) e, também, segundo parece, de alguns menires na área de Arraiolos.

Em termos de alinhamentos, a única exceção conhecida e verificada, igualmente no concelho de Mora, é o alinhamento curto da Têra, atribuído à Idade do Ferro, cujos menires apresentam características marcadamente diferentes dos seus congéneres pré-históricos e que está claramente associado à necrópole cinerária para onde está direccionado (Rocha, 2000, 2003).

Não é pois improvável que, na pré-história da região, para além dos conhecidos recintos megalíticos, tenham existido outras formas de agrupar e conjugar menires que estejam ainda por identificar e caracterizar.

As cruzes no Penedo das Almoinhas

Coordenadas militares Hayford-Gauss Datum Lisboa: M= 203724 P= 207826 / Z=155

O Penedo das Almoinhas foi identificado e descrito pela primeira vez em 1933 por Manuel Heleno; contudo, como este investigador não publicou os resultados das suas pesquisas sobre o megalitismo alentejano (Rocha, 2005) o sítio só foi redescoberto e publicado na década de 1970 por uma equipa dos Serviços Geológicos de Portugal (Zbyszewski & *alii*, 1977a).

Trata-se de um afloramento granítico, em forma de cogumelo, situado a 2300 metros do vértice geodésico do Alto da Cruz, segundo o ponto cardeal Este.

O afloramento, com cerca de 4 m de comprimento e 3 m de altura, apresenta, na sua extremidade voltada a Este, uma concavidade moldada por erosão diferencial em cuja face vertical foram gravados, por abrasão, diversos motivos que os investigadores atribuíram genericamente e sem argumentos ao início do Neolítico ou à transição Mesolítico-Neolítico (Zbyszewski & *alii*, 1977a, p. 39).

A composição apresenta diversas fiadas ondulantes e interligadas de cerca de uma vintena de formas entre as quais predominam claramente os cruciformes simples e os antropomorfos. As figuras antropomórficas parecem distinguir-se dos cruciformes por terem representadas as pernas, em diferentes posições, ou os braços levantados (Fig. 5).



Fig. 4 O Penedo das Almoinhas, visto de Sul. Notar a concavidade, voltada a Este, onde foram realizadas as gravuras.



Fig. 5 Gravuras no Penedo das Almoinhas segundo Zbyszewski *et alii*, 1977a (adaptado).

Os motivos gravados no Penedo das Almoinhas apresentam semelhanças com os conjuntos de gravuras, onde estão presentes cruciformes, nos afloramentos da Pedra das Gamelas e da Pedra das Taliscas, no concelho de Arraiolos, a cerca de 10 km a sul-sueste do Alto da Cruz (Correia, 1921).

Embora as cronologias das gravuras das Almoinhas e dos menires do Alto da Cruz não estejam ainda aferidas, suspeitamos, *a priori*, de uma qualquer associação simbólica entre o menir 7, o cruciforme e o afloramento gravado, principalmente tendo em conta que os monumentos estão implantados ao longo de uma linha Este-Oeste com 2600 m (Fig. 6), enquanto a cruz formada pelos menires está orientada Norte-Sul/Este-Oeste (Fig. 2).

Note-se ainda que, como no monumento do Alto da Cruz, em alguns dos cruciformes gravados nas Almoinhas, a linha menor (horizontal) bissecta a maior (vertical).

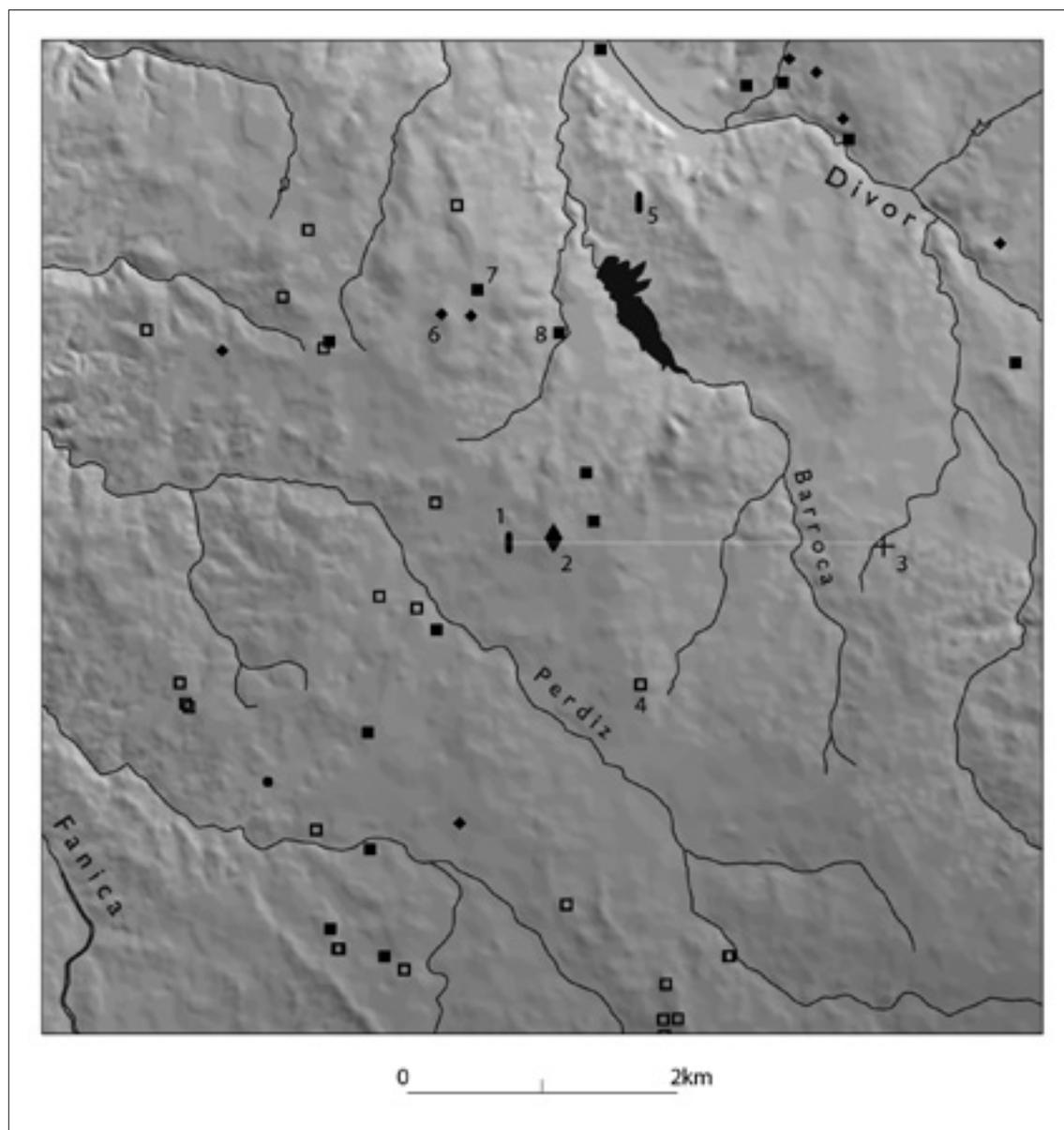


Fig. 6 Distribuição de monumentos na área do Alto da Cruz (ver enquadramento regional na Fig. 8). Dólmenes de corredor (quadrados pretos), sepulturas simples (quadrados vazios) e de tipo indeterminado (quadrados rodados 45°). 1 - Menir 7; 2 - Cruciforme (menires 1-6); 3 - Penedo das Almoinhas; 4 - Águias 2; 5 - Cabeço da Areia; 6 - Cabeceira 4; 7 - Cabeceira 1; 8 - Cabeceira 5.

Menires e sepulturas megalíticas

Na área em torno do Alto da Cruz existem diversas sepulturas megalíticas de várias dimensões e morfologias, quase todas intervencionadas por Manuel Heleno nos anos de 1934, 1937 e 1938 (Rocha, 2005); as antas de Brissos, a norte do Divor, tinham sido escavadas por Vergílio Correia, na década de 1910 (Correia, 1921).

Como se sabe, as escavações realizadas por Manuel Heleno eram céleres: as notas nos cadernos de campo dão uma indicação geral da arquitectura e dos materiais recolhidos, sendo raras as descrições dos contextos estratigráficos observados (Rocha, 2005).

As tipologias das sepulturas variam entre os tipos mais simples (pequena câmara fechada ou aberta) até aos mais complexos (grande dólmen com corredor longo: *e.g.* Cabeceira 1 e 5), incluindo formas que se podem considerar intermédias, como o próprio Manuel Heleno notou. Contudo, os dados são escassos para podermos propor, sem reservas, uma evolução contínua e sucessiva desde as sepulturas mais pequenas, fechadas, até às de grandes dimensões, com câmara bem diferenciada do corredor.



Fig. 7 Em cima: Águias 2 em fase de escavação; em baixo: Cabeceira 1.

Os espólios tendem a ser arcaizantes e pouco substanciais nos tipos mais simples: verifica-se reiteradamente a associação entre lâminas/lamelas, geométricos, machados e raros fragmentos de cerâmica, em contraste com os espólios de carácter evoluído dos dólmenes de corredor, onde estão presentes as placas de xisto, as pontas de seta e cerâmica em muito maior quantidade.

Por importante que seja entender melhor o significado cronológico destes contextos artefactuais e respectivos invólucros sepulcrais, avaliando pelo estado de conservação dos monumentos e pelas intervenções de Manuel Heleno, pensamos que essa tarefa será particularmente difícil, a curto/médio prazo.

Nesta área, de entre as sepulturas que foram escavadas por Manuel Heleno, Cabeceira 4 era a única que continha restos osteológicos passíveis de datação por radiocarbono. A sepultura encontrava-se extremamente destruída com apenas um esteio erecto (com uma fiada de covinhas na face exterior), mais dois tombados e um amputado, e o espólio consistia em apenas um geométrico e um fragmento de lâmina.

Amostras de restos ósseos de dois indivíduos adultos, de diferente robustez, foram sujeitas a datação por ^{14}C e forneceram as seguintes datas, estatisticamente idênticas (Rocha & Duarte, 2009):

Quadro 1				
Ref. Lab.	Amostra	BP	Cal BC, 1 σ	Cal BC, 2 σ
Beta - 196094	Ossos humano	4780 \pm 40	3640-3620	3650-3510
Wk - 17084	Ossos humano	4759 \pm 40	3640-3510	3640-3490

A sepultura Águias 2, situada a 1200 m a sudoeste do Alto da Cruz e implantada na mesma cumeada, escapou à inventariação de Manuel Heleno e só foi identificada em 2005 (Rocha, 2006; Calado & *alii*, no prelo), tendo sido objecto de intervenção em 2011 pelos signatários (Rocha & Alvim, 2012).

Trata-se de uma pequena câmara ovalada, supostamente fechada, constituída por blocos toscos de granito com não mais de 0,80 m de altura. Actualmente apresenta um hiato nos sectores norte e leste, sem vestígios dos esteios que completavam a câmara nem das respectivas estruturas de fundação (Fig. 7a). O que resta do monumento apresenta fortes semelhanças com a sepultura do Marco Branco, em Santiago do Cacém (Silva & Soares, 1983, 2000). A intervenção permitiu constatar que a sepultura foi reutilizada/violada em diversas ocasiões (pelo menos desde época romana) não tendo sido possível recolher outros dados relativos à construção ou a fases de utilização na pré-história.

O único menir isolado conhecido na área, Cabeço da Areia, localiza-se a 2 km a N-NE do Alto da Cruz numa zona baixa e argilosa, de cobertura terciária. O menir foi intervencionado pelos signatários, também em 2011 e, depois de recuperado, apresenta cerca de 1.50 metros de altura acima do solo.

O escasso espólio que foi possível recolher na sondagem arqueológica (lascas de quartzo) não permite uma caracterização cronológica precisa (Alvim & Rocha, 2012).

Na mesma área, existem ainda outros dois monólitos meniróides que eventualmente se poderão revelar como menires tombados mas que, por enquanto, por se situarem em áreas graníticas com afloramentos, necessitam de ser confirmados através de sondagens arqueológicas.

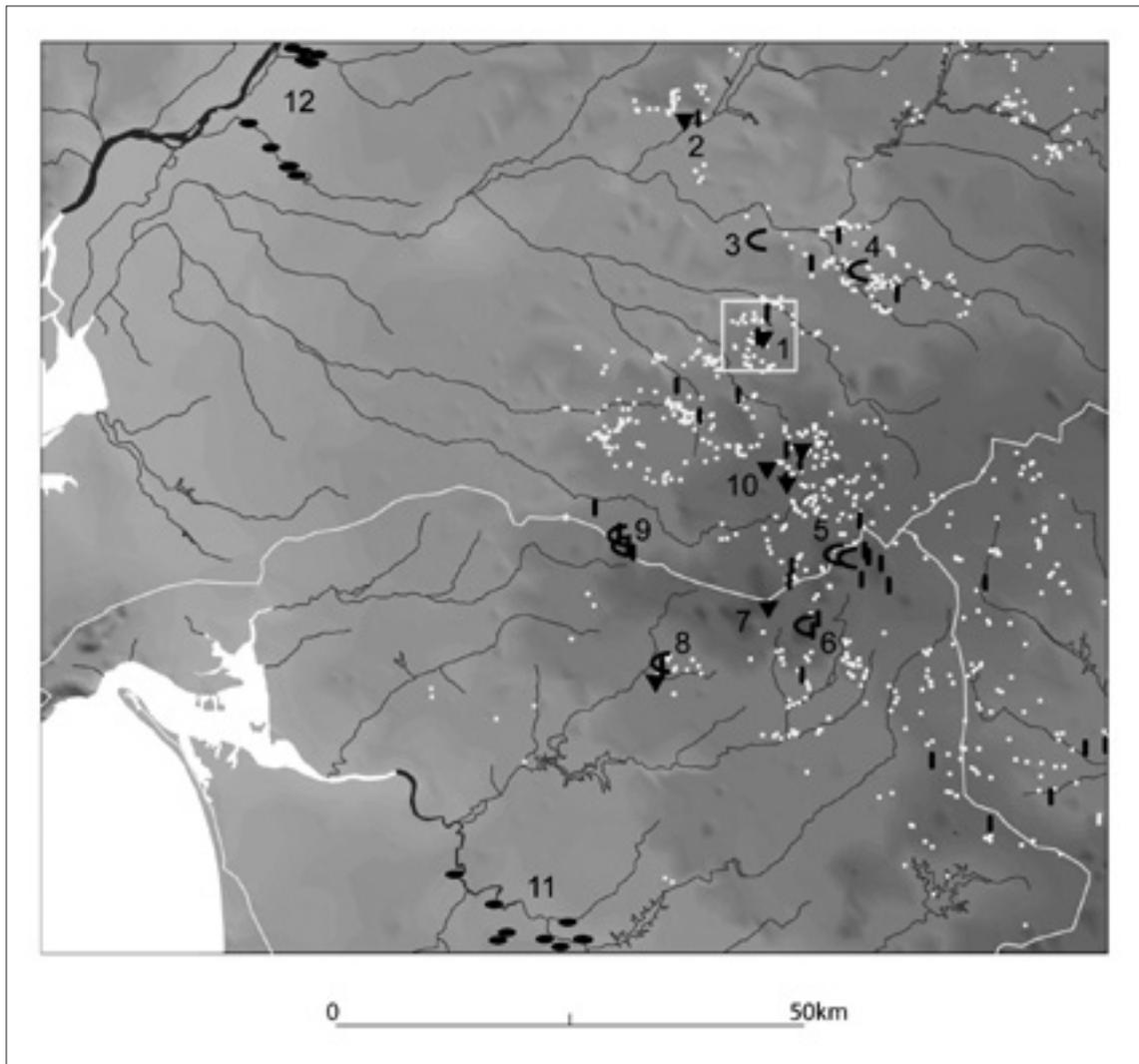


Fig. 8 Distribuição de monumentos megalíticos no Alentejo ocidental, entre a bacia do Tejo e do Sado: recintos (arcos), conjuntos de menires (triângulos), menires isolados (barras verticais) e sepulturas (pontos brancos). 1 - Alto da Cruz; 2 - menires do Alminho; 3 - recinto das Fontainhas; 4 - recinto de Vale d'El Rei; 5 - recintos da Portela de Mogos e de Vale Maria do Meio; 6 - recinto dos Almendres; 7 - par de menires de S. Sebastião; 8 - recinto do Tojal e menires das Casas de Baixo; 9 - conjunto da ribeira da Laje: recintos de Cuncos e Sideral; 10 - Conjuntos de menires: Pedra Longa, Vale Cancelas e Monte do Aldeão; 11 - concheiros do Sado; 12 - concheiros do Tejo.

Mais a norte no concelho de Mora, localizam-se os dois recintos megalíticos identificados na década de 1970 pela mesma equipa dos Serviços Geológicos que identificou o Penedo das Almoínhas: Vale d'El Rei e Fontainhas (Zbyszewski & *alii*, 1977b).

O recinto de Vale d'El Rei, constituído por doze menires de pequeno porte formando um pequeno recinto, foi intervencionado em 2001 (e recuperado em 2005) e disponibilizou espólio maioritariamente incharacterístico onde se contavam dois fragmentos de recipientes carenados (Calado & Rocha, 2002; Calado, 2004).

O recinto das Fontainhas, intervencionado em 2005, embora de dimensões idênticas ao anterior mas com menires de maiores dimensões e um menir central com 3 metros de comprimento, forneceu uma enorme quantidade de espólio integrável no Neolítico Antigo Evolucionado ou no Neolítico Médio (Rocha & Calado, 2006; Calado & *alii*, 2007). Este recinto diverge tipologicamente

dos outros exemplares alentejanos por estar associado a dois menires *outliers* e um cabeço destacado com os quais parece ter associações de carácter astronómico, relacionadas com os ciclos lunares (Alvim, 2009).

Ambos os monumentos se situam em solos de cobertura terciária, estando as Fontaínhas situadas na cobertura sedimentar da bacia do Tejo, próximo do contacto com o maciço hespérico. Os dois recintos e os menires do Alto da Cruz estão situados em equidistância, reciprocamente, a 10–12 km, formando um triângulo equilátero na parte ocidental do concelho de Mora.

Um aspecto a salientar é o isolamento das Fontaínhas em relação às sepulturas megalíticas mais próximas enquanto Vale d'El Rei se encontra numa área onde aquelas são abundantes, estando a mais próxima situada a 800 m (Fig. 8).

Contrapontos

O cruciforme do Alto da Cruz surge como “mais um ponto no mapa” a contribuir para o distinto grupo de monumentos meníricos que se distribui na parte ocidental do Alentejo pelos concelhos de Montemor-o-Novo, Évora, Arraiolos, Mora e Ponte de Sor: um conjunto que se afirma actualmente com coerência em termos de tipologias de monumentos e respectivas concentrações em áreas focais.

Este agrupamento de monumentos coincide com a ocorrência de uma significativa quantidade de sepulturas megalíticas de diferentes morfologias e dimensões, com grande variabilidade arquitectónica (Correia, 1921; Leisner, 1948, 1949; Leisner & Leisner, 1953, 1956, 1959; Rocha, 1999, 2005), em contraste com as regiões interiores do Alentejo, onde os monumentos funerários evidenciam maior uniformidade (cf. Leisner & Leisner, 1951; Gonçalves, 1992; Oliveira, 1995).

Noutras áreas do Alentejo ocidental onde se concentram recintos, conjuntos de menires e menires isolados, ocorrem também diversos tipos de sepulturas (câmaras simples e dólmenes de corredor) em co-existência espacial, como no conjunto do Tojal em Montemor-o-Novo (Calado, 2003) e na área de Montargil (Leisner, 1953; Martins & *alii*, 1999). Mesmo assim, nestas situações, os monumentos com menires tendem a situar-se na periferia dos aglomerados de sepulturas.

No conjunto da ribeira da Laje, também em Montemor-o-Novo, correntemente a ser estudado por um dos signatários (PA), os menires encontram-se visivelmente apartados de sepulturas megalíticas; aqui são conhecidos dois recintos megalíticos (um deles com um grande menir tombado, apresentando 4,70 m de comprimento) e dois menires isolados; a única sepultura está representada por alguns esteios de uma câmara de grandes dimensões, um dos quais, o único erecto, parece ser um menir reutilizado (Gomes, 1986; Alvim, 2009).

Também na área dos recintos megalíticos de Évora, os maiores da região, existe uma relativa segregação entre menires e sepulturas: os monumentos abertos localizam-se na periferia das grandes concentrações de sepulcros (Gomes, 2002; Calado, 2004; Alvim, 2009 e Fig. 8).

Na Fig. 8 é notável uma certa regularidade na distribuição dos grupos formados por monumentos com menires, igualmente patente na equidistância que apresentam entre eles, desde a parte sul do concelho de Montemor-o-Novo até Montargil, enquanto, por outro lado, a distribuição de sepulturas, visivelmente mais irregular, parece colmatar espaços entre as áreas focais definidas por recintos e conjuntos de menires.

Deverá este contraste ser atribuído à cronologia relativa dos monumentos, hipoteticamente mascarada na imagem cumulativa que observamos, ou a factores relacionados com os contextos específicos em que os monumentos foram construídos e utilizados?

As dificuldades em obter dados estratigráficos, matéria orgânica e espólios significativos, têm impossibilitado a aferição de cronologias relativas entre menires e sepulturas de uma forma que justifique ser assumida como definitiva.

Embora nalguns recintos tenham sido recolhidos espólios atribuíveis ao Neolítico Antigo/Médio os dados são ainda insuficientes para se poder obter uma imagem clara da questão: entre vários aspectos, continua a colocar-se o problema da sobrevivência de conjuntos artefactuais típicos do Neolítico Antigo Evolucionado em momentos avançados do Neolítico Médio; é porém pouco provável, nos recintos onde se recolheram esses materiais, que os monumentos sejam posteriores aos conjuntos artefactuais que continham.

Em todo o caso, a presença sistemática de materiais neolíticos antigos em menires, isolados ou em grupo, ou nas suas áreas envolventes, tende a recuar cronologicamente a construção deste tipo de monumentos para momentos precoces na sequência neolítica da região, sugestivamente entre o Neolítico Antigo e o Neolítico Médio (Gomes, 1994; Gomes, 2002; Calado, 2004; Calado & *alii*, 2007).

A distribuição de monumentos megalíticos na área do Alto da Cruz é uma imagem cumulativa que pouco diz sobre as sequências de monumentalização, sobre os respectivos ritmos e sobre as relações que os monumentos teriam entre si, como pré-existências confrontadas com novas construções em contextos sociais específicos.

Quer os espólios, quer as tipologias das sepulturas permitem admitir uma sequência prolongada que se poderá ter estendido ao longo de mais de dez séculos de actividade de construção e utilização de monumentos.

As sepulturas megalíticas implantadas em torno do Alto da Cruz são claramente maioritárias em relação aos menires; todos de pequeno porte, estes terão exigido um esforço construtivo comparável a uma sepultura de pequenas dimensões, o que poderá reflectir, eventualmente, uma ocupação menos densa do que em outras áreas onde foram erigidos menires de grandes dimensões (*e.g.* ribeira da Laje, Évora, Fontainhas).

A inexistência de menires de grande porte na área de Brotas poderá dever-se a que essas primeiras gerações construtoras de monumentos, supostamente ténues em termos demográficos, tenham sido reforçadas nas gerações seguintes e que, em fases posteriores, com mais efectivos, os menires tenham entrado em desuso a favor de monumentos mais expressivos na paisagem (neste caso, sepulturas).

Também parece ser aceitável que algumas das sepulturas mais simples possam ter sido construídas em fases contemporâneas ou contíguas à construção de menires se se avaliar, comparativamente, as dimensões e a exequibilidade dos monumentos.

A centralidade do conjunto de menires do Alto da Cruz e a sua situação sobranceira na paisagem poderão reflectir uma relativa antiguidade em relação às sepulturas que o circundam; eventualmente, trata-se de um sítio megalítico primordial na área e conseqüentemente referencial em fases posteriores (as covinhas gravadas nas faces superiores dos menires tombados poderão ser um testemunho disso).

Neste sentido, é possível sugerir, com a devida precaução, que os menires do Alto da Cruz poderão estar entre os mais antigos monumentos megalíticos da área de Brotas.

NOTAS

¹ Arqueólogo. Investigador do CHAIA/UE.

² Arqueóloga. Investigadora do CHAIA/UE.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALVIM, Pedro (2009) - *Recintos megalíticos do Ocidente do Alentejo central: arquitetura e paisagem na transição Mesolítico-Neolítico*. Tese de mestrado apresentada à Universidade de Évora. Évora: Universidade (policopiada).
- ALVIM, Pedro; ROCHA, Leonor (2012) - Menir do Cabeço da Areia (Brotas, Mora). *Relatório técnico científico final*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- CALADO, Manuel (2000) - O recinto megalítico de Vale Maria do Meio (Évora, Alentejo). In GONÇALVES, Victor S., ed. - *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 167-182.
- CALADO, Manuel (2001) - *Da serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- CALADO, Manuel (2003) - Megalitismo, megalitismos: o conjunto neolítico do Tojal (Montemor-o-Novo). In GONÇALVES, Victor S., ed. - *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo: actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 351-369.
- CALADO, Manuel (2004) - *Menires do Alentejo Central*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 Vols. Lisboa: FLUL (policopiada).
- CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro (2007) - Neolitização e Megalitismo: o recinto megalítico das Fontainhas (Mora, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, pp. 75-100.
- CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor (2002) - *O Recinto megalítico de Vale d' El Rey (Pavia, Mora). Relatório final da escavação de 2001*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro (no prelo) - *Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal.
- CARVALHOSA, António Barros e; LEANDRO, Alexandre (1998) - *Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 36-C, Arraiolos*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- CORREIA, Vergílio (1921) - *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas.
- GOMES, Mário Varela (1986) - O Cromleque da Herdade de Cuncos (Montemor-o-Novo, Évora). *Almanson*. Montemor-o-Novo. 4, pp. 7-41.
- GOMES, Mário Varela (1994) - Menires e Cromleques no complexo cultural megalítico português: trabalhos recentes e estado da questão. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 2, pp. 317-342.
- GOMES, Mário Varela (2002) - *Cromleque dos Almendres: um monumento sócio-religioso neolítico*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: FCSH/UTL (policopiada).
- GONÇALVES, José Pires (1970) - Menires de Monsaraz. *Arqueologia e História*. Lisboa. 2, pp. 151-176.
- GONÇALVES, José Pires (1975) - Roteiro de alguns megalitos da região de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora. 58, pp. 241-261.
- GONÇALVES, Victor S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Uniarch/INIC.
- GONÇALVES, Victor S. (2009) - Um sítio do Neolítico antigo no vale do Sorraia: Casas Novas (Coruche). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 5-30.
- LEISNER, Georg (1948) - Antas dos arredores de Évora (1). *A Cidade de Évora*. 15-16. Évora. pp. 3-40.
- LEISNER, Georg (1949) - Antas dos arredores de Évora (2). *A Cidade de Évora*. Évora. 17-18, pp. 499-534.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Uniarch.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1953) - Contribuição para o registo das antas portuguesas: a região de Montargil (Concelho de Ponte de Sor). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2, pp. 227-256.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1956) - *Die Megalithgräber der iberischen Halbinsel: Der Westen (1)*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) - *Die Megalithgräber der iberischen Halbinsel: Der Westen (2)*. Berlin: Walter de Gruyter.
- MARTINS, António, DEUS, Manuela, BOTO, Maria Fernanda., VALENTE, Maria João, ANTUNES, M, FERNANDES, Rosário (1999) - *Carta arqueológica de Ponte de Sor*. Ponte de Sor: Câmara Municipal.
- MONTEIRO, Jorge Pinho; GOMES, Mário Varela (1977) - Os menires da Charneca do Vale Sobral (Nisa). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 87, pp. 3-17.
- OLIVEIRA, Clara Duarte de; OLIVEIRA, Jorge (1999) - Menires do distrito de Portalegre. *Ibn-Marván*. Marvão. 8, pp. 13-47.
- OLIVEIRA, Jorge (1995) - *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever (Marvão, Castelo de Vide, Nisa, Valência de Alcântara, Herrera de Alcântara e Cedillo)*. Lisboa: Colibri.
- OLIVEIRA, Jorge (1998) - Antas e menires do Concelho de Marvão. *Ibn-Marván*. Marvão. 8, pp. 13-47.
- PINA, Henrique Leonor (1971) - Novos monumentos megalíticos do distrito de Évora. Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, Vol. I. Coimbra: MEN/JNE, pp. 151-161.
- PINA, Henrique Leonor (1976) - Cromlechs und menhire bei Évora in Portugal. *Madrider Mitteilungen*, 17. Heidelberg, pp. 9-20.

- ROCHA, Leonor (1999) - *Povoamento megalítico de Pavia*. Mora: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, Leonor (2000) - O alinhamento da Tera, Pavia (Mora): resultados da 1ª campanha (1996). In GONÇALVES, Victor S., ed. - *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 183–194.
- ROCHA, Leonor (2003) - O monumento megalítico do Monte da Tera (Pavia, Mora), Sector 2: resultados das últimas escavações. In GONÇALVES, Victor S., ed. - *Muitas Antas, Pouca Gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 339–349.
- ROCHA, Leonor (2005) - *Origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: o contributo de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. Lisboa: FLUL (policopiada).
- ROCHA, Leonor (2006) - *Estudo do Megalitismo Funerário no Alentejo Central. Relatório técnico científico de 2005*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- ROCHA, Leonor; CALADO, Manuel (2006) - *O recinto megalítico das Fontainhas (Mora, Alentejo Central). Relatório técnico científico de 2005*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- ROCHA, Leonor; DUARTE, Cidália (2009) - Megalitismo funerário no Alentejo Central: os dados antropológicos das escavações de Manuel Heleno. In POLO CERDÁ, Manuel; GARCÍA PRÓSPER, Elisa, eds. - *Investigaciones histórico-médicas sobre salud y enfermedad en el pasado. Actas del IX Congreso Nacional de Paleopatología Morella (Castelló), 26–29 septiembre de 2007*. Valencia: Grupo Paleolab; Sociedad Española de Paleopatología, pp. 763–781.
- ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro (2012) - *Águias 2 (Brotas, Mora). Relatório técnico científico final*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1983) - Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral: a sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 1, pp. 63–88.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (2000) - Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas. In GONÇALVES, Victor S., ed. - *Muitas Antas, Pouca Gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 117–134.
- ZBYSZEWSKI, Georges; BARROS; CARVALHOSA, A; VEIGA FERREIRA, Octávio da Veiga (1976) - *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da folha 35-B, Mora*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- ZBYSZEWSKI, Georges, CARVALHOSA, António Barros e; FERREIRA, Octávio da Veiga (1981) - *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da folha 36-A, Pavia*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- ZBYSZEWSKI & alii, 1977a = ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga; LEITÃO, Manuel; NORTH, Christopher Thomas - Descoberta de insculturas com a figura humana estilizada na região de Brotas (Mora). O Penedo de Almoinha. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 61, pp. 33–41.
- ZBYSZEWSKI & alii, 1977b = ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga; SOUSA, Henrique Reynolds de; NORTH, Christopher Thomas (1977b) - Nouvelles découvertes de cromlechs et de menhirs au Portugal. *Comunicações Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 61. pp. 63–73.

